

Missão Salesiana de Mato Grosso
Rua Barão do Rio Branco, 1811
Campo Grande - MS - Brasil



Caríssimos Irmãos em Dom Bosco,

Fui solicitado pela amizade que nos unia, desde nossa juventude,
a escrever a carta mortuária do caríssimo

Pe. João Falco

41 B 121
m. 1996

De 73 anos, falecido a 18 de dezembro de 1996. Sem dúvida nenhuma foi um grande Salesiano, de uma atividade intensa e variada, de quem não se pode deixar esmaecer a memória.

Nasceu a 13 de outubro de 1923, no porto de Nova York, sendo batizado em abril de 1924 na igreja Sta. Joana d'Arc (igreja da comunidade francesa), na mesma cidade, foi crismado no dia 24 de junho de 1932 e admitido à primeira Eucaristia a 7 de outubro do mesmo ano, na diocese de Saluzzo, Itália.

Os pais, Francisco Falco e Lucia Nigro, migraram para a França e em seguida para os Estados Unidos.

Pe. João falava pouco de seus pais, se não que, depois do falecimento da mãe (se não me falha a memória) o pai com os filhos (tinha mais um

filho e uma filha) voltou para a Europa, permanecendo por alguns anos na França. Foi aqui que Joãozinho frequentou até o 4º ano primário, aprendendo discretamente o francês.

Com a morte do pai (de que não encontramos a data), veio para a Itália, ficando sob os cuidados de um tio Sacerdote, pároco em Limone, no Piemonte, diocese de Cúneo. Também deste tio pouco falava. Este confiou o sobrinho a um “Colégio Vescoville”, parece-me um orfanato, onde concluiu o curso primário, prestando os exames em uma escola estadual, em Fossano.

O tio, dizia Pe. João, para se livrar de suas peraltices, pensou encaminhá-lo ao Aspirantado Salesiano no Instituto Missionário Mons.Versiglia e Dom Caravário.

Há nos arquivos um pedido de “Falco Giovanni” para ser admitido no dito Instituto, em que já fala de vocação sacerdotal e missionária.

Interessante a carta de apresentação “del giovanetto Falco Giovanni” ao diretor do “Collegio Vescovile” de Cussanio (Fossano), em que já se prevê o nosso Pe. João: “Il giovanetto Falco Giovanni, embora de natureza tenaz e altiva, soube fazer em um ano grandes modificações, dignas de admiração... Quanto à disciplina, não era certamente o melhor... Quanto ao estudo é de boa inteligência... Moralmente é ótimo e pude me servir dele em situações delicadas entre os colegas, função em que se saiu muito bem...” Aqui parece-me descrito o que Falco será durante toda sua vida.

Formação

Em setembro de 1936 o rapazinho João Falco entrava no Instituto Missionário Mons.Versiglia e Dom Caravário, em Bagnolo, no Piemonte, que foi verdadeira sementeira de Missionários: uns trinta reforçaram a Inspeção de Mato Grosso e destes alguns ainda estão em plena atividade.

No outubro seguinte aí aportei também eu, e logo encontrei em Falco aquele que seria amigo sincero e dedicado por toda a vida.

O Aspirantado Missionário de Bagnolo, no Piemonte (aqui desejo lhe prestar uma grata recordação e homenagem) era um ambiente de profunda espiritualidade e de animação missionária. A este fim os alunos mantinham relações com colegas que já se encontravam espalhados pelo vasto mundo missionário salesiano: da China ao Japão, Chile, Equador, Colômbia e Centro América às Inspetorias Salesianas do Brasil.

Havia seriedade nos estudos, com momentos de distração, sobretudo nos passeios semanais (lembramos ainda o belo santuário “della Madonnina”, com empenhativas representações teatrais e academias que

empolgavam e comoviam. Não esquecemos as férias (não havia visitas às famílias) de verão nos Alpes Piemonteses.

Piedade intensa e profunda, amor ao estudo e entusiasmo missionário: eis Bagnolo que nós vivemos.

Neste ambiente nos formamos, com superiores que sabiam cativar os corações dos aspirantes, numa disciplina, para alguns julgada excessiva, mas útil à formação da personalidade de futuros missionários. Obrigado, Bagnolo!

Neste ambiente completamos nossos estudos ginasiais, até sermos admitidos ao Noviciado, considerado central, de Villa Moglia, em 1940, poucos meses depois da Itália ter entrado em guerra.

Devido à guerra, não tendo havido expedição missionária em 1940, houve necessidade de abrir um segundo noviciado em Castel Nuovo Don Bosco.

Os dois noviciados (se não me engano, 92 noviços em Villa Moglia e 76 em Castel Nuovo), situados a uns 20 km um do outro, criaram um maravilhoso espírito e ambiente de emulação em todos os sentidos, intensificado com alguns encontros de confraternização (castagnata e pasquela).

Concluído o noviciado, tornou-se também necessário um novo Estudantado Filosófico, pois o “principal” o de Foglizzo não nos cabia a todos.

Assim, uns 80 neo-professores (quase a totalidade de Castel Nuovo e alguns de Villa Moglia), a 28 de agosto, aportamos, acolhidos com coração de pai, pelo então Ecônomo Geral, Pe. Fedele Girauadi, na casa de São Calisto, ao longo da Via Appia Antiga. Sem dúvida é, ainda hoje, um dos lugares mais sugestivos de Roma, nas extremidades de uma encantadora alameda de ciprestes, admira-se, de um lado, a Cúpula da Basílica de S. Pedro e do outro a maravilhosa tumba de Cecilia Metello, um dos mais encantadores monumentos da Roma antiga.

Aqui, nesta casa preparada especialmente para nós, num ambiente sáuro de espiritualidade (bastava estar em Roma e no solo sagrado das Catacumbas) cursamos dois anos de estudantado filosófico-pedagógico.

Estar em Roma já era suficiente para respirarmos ar de “catolicidade”.

Depois de uma primeira audiência exclusiva para nós, quando tivemos a sorte de beijar a mão de Pio XII, constrangidos, porém, pela sua personalidade, não tivemos fôlego para lhe dirigir uma palavra, outras grandiosas manifestações com o Papa nos entusiasmaram. Vale a pena relembrar a celebração dos 25 anos de episcopado do Papa Pio XII, a 13

de maio de 1942... também 25 anos da primeira aparição de N. Senhora em Fátima.

Os estudos na Casa Salesiana de São Calisto eram sérios e apertados, mas muitos outros conhecimentos adquiríamos nas visitas às Basílicas Romanas, a Museus e Pinacotecas, a pontos históricos e a tudo que se pode imaginar e pensar de interesse religioso e cultural.

O Cl. Falco entusiasmou-se logo pelas Catacumbas, que estudou com amor e tornou-se apto para ajudar os irmãos guias de peregrinos, em ocasiões de frequência numerosa.

Durante os estudos filosóficos, e ainda depois, o Cl. Falco foi um grande leitor, um devorador de livros: lia em média um livro por dia. Isto, ajudado por uma memória rara, lhe deu aquela cultura que todos reconhecíamos.

Desde antes ainda do noviciado, Falco preocupava-se pelo conhecimento, pela formação, e vivência da liturgia. Por vários anos, todos os dias, seguia o tempo litúrgico e o santorial do Missal Romano, lendo e estudando o “Liber Sacramentorum” do então Card. Schuster, hoje Bem-aventurado, e para as cerimônias, seguia os dois volumes apropriados, do Pe. Eusébio Vismara. Para o resto da vida, sem ser escravo do liturgismo rubricista, era sempre apropriado vivenciando a liturgia, cuja reforma do Vaticano II acatou e transformou em orientação de sua espiritualidade.

Nos passeios ao longo da Via Appia já se manifestavam as preferências de Falco: enquanto alguns levavam nas mãos o Guia Arqueológico de Roma, Falco levava ou o Guia Botânico ou o Guia Entomológico da Itália: o interesse pela ciência que mais tarde o projetara como grande cientista.

Os resultados nos estudos do Cl. Falco foram quase ótimos: não deixava a desejar em nenhuma disciplina.

19 de julho de 1943, primeiro bombardeio de Roma. Falco com alguns colegas, não sei dizer se corajosos, atrevidos ou irresponsáveis, ao invés de recolherem-se no abrigo anti-aéreo, subiram no alto da torre que encima ainda hoje a casa, para acompanhar o bombardeio, incôscios dos estilhaços das bombas anti-aéreas que às vezes assobiavam passando-lhes rente ... Claro que seguiu uma eficaz repreensão do Pe. Diretor.

Na mesma semana do bombardeio de Roma, em pequenos grupos, os Superiores nos fizeram voltar para o norte da Itália, para em seguida concluirmos o curso filosófico no estudantado de Foglizzo.

Por mais de um mês passamos férias em nosso antigo aspirantado de Bagnolo: este breve parêntese não mereceria ser lembrado, se não

fosse por termos tido a felicidade de conhecer de perto grandes Salesianos, entre eles o santo Pe. Euzébio Vismara, a cujos cuidados fomos entregues, experimentando atenções fraternas, deixando em todos saudade e reconhecimento.

Fim de setembro de 1943 (o trágico setembro de 1943!), eis-nos em Foglizzo, estudantado filosófico de renome na história da Congregação, e nós iniciamos o terceiro ano de filosofia num clima difícil da guerra da resistência italiana, contra a ocupação alemã. O clima político e social era dos mais confusos, a situação econômica terrivelmente precária. Como já em Roma, no último ano, agora em Foglizzo, às vezes passávamos realmente fome... Em Roma nossa merenda em geral, era talos de repolhos (tórsole di cavoli) que catávamos às escondidas na horta... Mas em Foglizzo, nem isto. Foi tão precário aquele ano letivo que o Pe. Pedro Ricaldone, Reitor-Mor, numa visita improvisada, uns vinte dias antes do encerramento do ano letivo, mandou suspendê-lo imediatamente, promovendo a todos. Só os alunos do 3º ano tiveram de enfrentar o célebre Exame de Madureza nas escolas públicas de Turim, que se encontravam dispersas, para escapar aos perigos dos bombardeiros, em várias cidadezinhas (paesotti) dos arredores. O Falco teve um resultado brilhante: brilhantíssimo no ramo das ciências.

Em 22 de julho de 1944 renovamos os votos trienais e na mesma tarde chegamos à Casa Salesiana de Bivio di Cumiana. A cidade, uma das grandes mártires da resistência anti-fascista, estava sendo bombardeada com canhões pelos alemães...: era o nosso verdadeiro batismo na guerra de resistência.

Fomos destinados a trabalhar, até metade do mês de setembro, com filhos de operários da Fiat, cujos pais, na quase totalidade, nutriam um profundo espírito de anticlericalismo, porque eram ferrenhos comunistas.

Nosso trabalho, com algumas aventuras de guerra, foi tranquilo e até satisfatório para os pais.

Cumiana disse que fora uma das cidades mártires da resistência. Nos primeiros meses de 1944, uma represália alemã, levou ao fuzilamento de 58 homens, quase todos pais de família. Estes infelizes foram concentrados na nossa Escola Agrícola, a uns 5 km da cidade, na planície. Pelas três horas da tarde do dia (não lembro exatamente), o comandante mandou comunicar ao Padre Diretor que “se quisessem abençoar os homens, era o momento, pois daí a pouco, seriam fuzilados...”

Os padres da comunidade, e alguns seculares, acompanhavam os infelizes até um determinado ponto, e aí, um soldado pegava um dos

condenados e o conduzia atrás de uma casa, onde um oficial dava a cada um, um tiro na nuca. Os padres os acompanhavam até o algoz. Ficaram tão chocados, estes padres, que alguns carregaram o choque pelo resto de suas vidas.

Foi bem neste ambiente que nós iniciamos o nosso tirocínio: vários filhos daqueles que foram fuzilados foram acolhidos em nossa Escola Agrícola, trazendo consigo os traumas daquela tragédia.

Há um episódio que nos revelou o Cl. Falco, numa nova faceta: no fim de novembro ou início de dezembro de 1944, os Superiores Maiores aceitaram um grupo de umas 30 crianças e rapazinhos prófugos da região dos Alpes Marítimos Franceses, que deixaram suas terras, invadidas pelas tropas aliadas que iriam libertar a Europa. Os Superiores encaminharam estes fugitivos para a Escola Agrícola de Cumiana. Na Comunidade ninguém falava francês: conheciam esta língua estudada nos bancos escolares. Só o jovem Cl. Falco falava ainda corretamente esta língua, e a ele foram confiados estes pobres fugitivos.

Quem conhecia Falco ficou admirado: era alto, quase carrancudo, de poucas palavras... apto para espantar as crianças... Não foi assim com aqueles fugitivos: demonstrou um coração de pai, se não fosse falta de respeito, diria um coração de mãe, que a todos nós deixou admirados. Este foi sempre o Falco áspero por fora, com coração de pai e irmão, por dentro.

Há ainda um fato notável daquele tempo: no último domingo de abril de 1944, quando o exército alemão derrotado, descia desordenadamente dos Alpes, pelo pôr do sol, o Cl. Falco, com alguns jovens coadjutores e alguns clérigos de filosofia que se encontravam em Cumiana para refazer suas energias, desapareceram da comunidade e nem apareceram para o jantar. Foram recolher fios de telefone que até então ligavam dois comandos militares alemães (Cumiana-Piscina).

Pois bem, estes fios, cerca de 5 km, serviram para o serviço de som e animação, na solene celebração religiosa que o Arcebispo de Turim, Card. Fossati e os Superiores Maiores promoveram para pacificar a cidade de Turim devolvendo às respectivas Igrejas as relíquias dos Santos que foram guardadas em lugares mais seguros, pelo perigo dos bombardeios aéreos.

Para o início de ano letivo de 1945-46, eu fui transferido para o Instituto Missionário Card. Cagliero de Ivrea.

Nos separamos, mas não nos deixamos... continuamos com nossa amizade, embora nossa correspondência fosse rara. Em vários encontros as conversas supriam as correspondências.

No fim de 1946 os Superiores acharam chegado o tempo oportuno, após a tempestade da guerra, de retomar o envio de novos jovens salesianos para as necessidades das várias Inspetorias. Mato Grosso foi uma destas Inspetorias contempladas com a remessa de novas forças. No fim de fevereiro, encontramos o Cl. Falco como assistente e professor em Silvânia, no Estado de Goiás que então pertencia à Inspetoria de Mato Grosso.

O Cl. Falco viajara com mais dois ex-alunos de Bagnolo, mais novos que nós, que ainda estão à frente dos trabalhos: hoje, Pe. Mario Panziera, que lhe oferecerá, penhor de amizade, no elogio fúnebre, e o Pe. José Barbisan.

O Cl. Falco logo se entusiasma pelo interior do Brasil, e já no ano seguinte o encontramos em Goiânia, no Ateneu Dom Bosco, onde tem como diretor aquele gigante salesiano que foi o Pe. Félix Zavattaro.

Das raras, mas extensíssimas cartas que me enviava, lembro que transparecia o grande entusiasmo do jovem salesiano e o amor à nova Pátria. Fazia-me chegar uma revista para estudantes, que nascera, se não me engano, no Ateneu Dom Bosco de Goiânia, com o título “Luz e Vida”. Nela fiz os meus primeiros contatos com a língua portuguesa: escrevia-me maravilhas sobre a revista, da qual ele cuidava da parte científica.

Em 1947, a 16 de agosto, em Silvânia, emitia sua profissão perpétua, ligando-se para sempre com entusiasmo a Dom Bosco.

De São Paulo, onde estudava teologia no Instituto Pio XI, escrevia-me ainda raras, mas longas cartas, que mais pareciam um jornal do que uma correspondência, exuberantes de entusiasmo pela “cidade que mais cresce no mundo” e pelas maravilhas das obras salesianas no Brasil.

Chegando em 1951 também eu ao Brasil, encontro o teólogo Falco em Campo Grande, no Colégio Dom Bosco, com várias menções, como consta em sua ficha individual no arquivo inspetorial.

Em 1952, o Pe. Guido Borra, então Inspetor de Mato Grosso, pulando uma porteira numa das missões entre os índios, fraturou um fêmur, na segunda metade de junho. Devia naqueles dias viajar para o Capítulo Geral que elegeria o sucessor de Pe. Ricaldone, Pe. Renato Ziggotti. O Cl. Falco foi escolhido para acompanhar o Pe. Inspetor e dar-lhe a necessária assistência.

Terminado o Capítulo, o Cl. Falco permaneceu na Itália, onde teria sido destinado a estudar pedagogia ou psicologia, pelas quais não se sentia atraído. Aproveitando sua estadia na Itália, foi ordenado Sacerdote a 7 de

dezembro de 1952, na sua querida casa de Cumiana, pelo Bispo salesiano Dom Michele Arduino, que exercia então a função de Reitor ou Pároco da Basílica de Maria Auxiliadora, em Turim.

Ordenado Sacerdote, Pe. João Falco volta ao Brasil, cheio de entusiasmo, onde realizará uma vida fecunda de salesiano, sacerdote e cientista.

Educador

Por vários anos a atividade principal do Pe. Falco foi dedicada à educação direta da juventude: sala de aula e formação dos jovens.

Na aula primava pela ordem na exposição, na seriedade da disciplina, cuidando do aproveitamento dos alunos. Não ficava satisfeito com os resultados escolares: queria de seus alunos também aproveitamento religioso e moral. Animava e encorajava o movimento “Construindo”, reservado para os jovens e, quando, mais tarde, por um período relativamente breve, foi encarregado da Pastoral Universitária, não se dava descanso na programação e realização de encontros de reflexão para seus estudantes. Se havia uma queixa era de não encontrar colaboradores disponíveis para este trabalho.

Prova da eficácia de seu trabalho foram as amizades que estreitou com os jovens que, até em seus últimos dias, ainda o procuravam como orientador espiritual.

Pastor de Almas

Pe. João se distinguiu por vários anos em atividades paroquiais, com uma dedicação e um zelo realmente salesiano, vivendo plenamente a “caridade pastoral”, característica do espírito salesiano.

Iniciou seu ministério como Pároco em 1959, substituindo, na Igreja São José, o Pe. Francisco Mahar.

Conserva-se no arquivo inspetorial o discurso com que o Pe. João se apresentou aos fiéis daquela paróquia: segundo aquelas linhas de ação, sempre e em toda parte foi o bom pastor das ovelhas.

Dizia àqueles fiéis: “Vinde rezar comigo durante a semana, e sobretudo aos domingos. – O Vigário deve anunciar aos homens a palavra, a verdade, a vontade de Deus. É por isso que é enviado: ‘Ide, ensinai a todas às nações..’”

“Deixai ainda ao começar esta missão de tanta responsabilidade, que eu vos peça, com as mesmas palavras do nosso divino Redentor: Sinite parvulos venire ad me... Deixai que vossos filhos freqüentem a Igreja, as aulas de catecismo...: aprenderão aqui as verdades santas da religião,

o respeito para com os pais, a obediência, a submissão. – Que aqui venha numerosa a mocidade para encontrar na palavra do Vigário, Jesus o mestre, o guia, para poder evitar ao longo do caminho da vida, os abismos, sepulcros da virtude e da fé... – Que venham também e diria, sobretudo, os homens, a porção mais nobre de nossa família paroquial, que deveria dirigir os outros no caminho do bem...”

Continua Pe. João descrevendo sua missão como “dispensador dos mistérios de Deus” que são os Sacramentos.

Pe. João cumpriu esta missão de Pastor de almas com fervor, sem cansaço, por muitos anos e em várias paróquias de cidades e dioceses diversas, deixando nas almas que se aproximavam frutos duradouros de vida cristã.

Pe. João Falco, em seu zelo, não fazia distinção se o trabalho era entre fiéis de uma paróquia de cidade ou entre fiéis do interior e zona rural. A este respeito torna-se admirável o testemunho do Pe. João Bosco Monteiro Maciel, que foi nosso Inspetor: “O que deponho é fruto de uma experiência. Logo que regressei da Itália, eu ficava um semestre lecionando na Lapa e um outro na Inspetoria. Pois bem, em 78 tive oportunidade de, aos domingos, auxiliar o Pe. João num apostolado que lhe foi confiado em Ribas do Rio Pardo. Aos sábados à tarde e aos domingos, visitávamos todas as glebas de reflorestamento que surgiam ao longo da rodovia Campo Grande-Três Lagoas, que neste tempo ainda era sem asfalto. Íamos de Toyota ou de trem. Neste apostolado aprendi muito com o Pe. João, sobretudo seu grande amor pelo povo, pelo povo simples e sua dedicação ao ministério sacerdotal. Nessas andanças atendíamos confissões, celebrávamos a Eucaristia, o batismo, e ele reunia os adultos para uma boa catequese, em preparação aos Sacramentos ou para aprofundar a fé. Era uma autêntica missão, uma evangelização...” E continua ainda o Pe. João Bosco: “Quem conviveu com ele pode testemunhar sua sede de apostolado. Era um sacerdote que vivia plenamente seu ministério, e isto minou a sua saúde”.

Acho que merecem recordação duas comunidades a quem Pe. João dedicou todas as suas energias, além da já citada paróquia S. José de Campo Grande, conduzindo-as, podemos dizer, à maturidade: a Obra Social Paulo VI, em que deixou a Igreja Maria Auxiliadora e a comunidade Santa Fé, que entregou à Diocese, pronta para ser erguida paróquia.

Por onde passou, Pe. João Falco deixou saudade pelo seu zelo sacerdotal e amor às almas.

Missionário entre os índios

Anseio e desejo do Pe. João Falco, desde o tempo de aspirante em Bagnolo no Piemonte, era viver e trabalhar entre os índios. Em 1966 viu seu desejo tornar-se realidade, quando foi designado como Diretor da Colônia Indígena Sagrado Coração de Jesus em Meruri, entre os índios Bororo. Era um trabalho novo para ele, a que se preparara com o estudo: tinha um conhecimento teórico, cuja realidade porém era bem diversa.

Com todas as energias iniciou uma série de iniciativas para promover os índios à auto-suficiência, encontrando porém várias dificuldades. Sem dúvida seus esforços produziram resultados, se não satisfatórios, ao menos capazes de despertar algo de novo entre os índios. Bem resume esta atividade o Pe. José Winkler: "Merecem destaque muito especial, em particular, as inúmeras e as mais variadas tentativas para resolver o problema da auto-suficiência dos Bororo em Meruri, sem ter descuidado a Catequese sistemática".

O tempo que o Pe. João passou entre os índios serviu também para ele aprimorar o conhecimento da cultura, da estrutura tribal que muito lhe teria servido na organização do Museu Dom Bosco, criando grande amizade com as lideranças indígenas.

Cientista

Já acenamos ao gosto e à paixão do Pe. João Falco para as ciências.

Ainda tirocinante na Escola Agrícola Missionária de Cumiana, um professor da Universidade de Turim, que o visitou, observou e admirou os seus primeiros trabalhos de colecionador de insetos, pediu ao Sr. Dom Ricaldone, Reitor-Mor, que lhe concedesse o jovem Falco como assistente na cátedra de entomologia, ele que nunca frequentou uma Universidade como estudante, sendo portanto um autêntico autodidata.

Esta paixão pela entomologia o levou, com a licença dos superiores, a passar umas férias nas Missões do Rio Negro para colecionar insetos e borboletas, conhecer melhor a fauna e a flora e aprofundar o conhecimento, em particular, dos índios Tucanos.

A 31 de outubro de 1951, antes ainda do Pe. Falco ser ordenado sacerdote, fora inaugurado em Campo Grande, no Colégio Dom Bosco o Museu Dom Bosco, iniciado pelo Pe. César Albisetti com a colaboração do qualificado Pe. Ângelo Jayme Venturelli. (Estas informações que se seguem sobre o assunto, são deduzidas da monumental obra do Pe. Marcos Bongiovanni, também ex-aluno de Bagnolo, com o título "Don Bosco nel Mondo, vol. 2º, pág. 278 e ss.) Pela verdade deve-se dizer que uma primeira

iniciativa de coletar material de consideração, para ser colecionado, surgira em Goiânia onde Pe. Félix Zavattaro, outro salesiano de conhecimento no assunto, tinha dado vida a um “Museu de História Natural”: aquela semente frutificou em Campo Grande. Em 1977 tornou-se responsável pelo Museu Pe. João Falco, que desde o começo cuidara da seção de entomologia. Pe. João Falco renovou as instalações e do Colégio Dom Bosco o Museu foi transferido para local mais apto, ao lado da Escola São José, onde foi também localizada a sede da Inspetoria Salesiana.

O Museu passou de quatro para sete seções.

Num recente guia turístico francês do Brasil (Coll. de Guides Delta Flammarin, 1987) na coluna sobre Campo Grande, podemos ler: “A ser visitado o Museu Dom Bosco (já Museu do Índio). Não se pode deixar de visitá-lo: é quanto de mais interessante possa ser visto em Campo Grande.” Colaboraram com o Pe. João outros salesianos: lembramos Pe. Bartolomeu Giaccaria e o Me. Adalberto Heide. Até aqui, as notícias tiradas de “Don Bosco nel Mondo”, 1988.

Quem conheceu o Pe. João Falco, sobretudo nos últimos anos sabe com quanto amor e dedicação cuidava do seu Museu, e até os últimos dias de sua vida, até as forças lhe permitirem, encontrava-se em seu Museu, orientando e até diretamente ainda tratando de algum exemplar de insetos ou de mineral a ser catalogado e convenientemente localizado em seu lugar próprio.

É fácil perceber que para realizar tudo isto o Pe. João criou uma rede de relações científicas, pode-se dizer, que abrangiam o setor científico do mundo.

Com a competência e prática adquiridas, no manuseio de seu Museu Dom Bosco, despertou o interesse dos Superiores da Congregação que convocaram o Pe. Falco para organizar ou reorganizar os museus centrais da Congregação, particularmente o que foi inaugurado no Colle Don Bosco no centenário do nascimento de Dom Bosco, museu missionário e etnológico. Tal foi a aceitação das instalações deste Museu no Colle Don Bosco, que entidades culturais dele se interessaram e, até, ofereceram, ao menos em parte as prateleiras e armários. Tão apreciado foi este trabalho que a Conferência das Inspetorias da Índia convidou o Pe. João para ir àquele sub-continente asiático para organizar um museu central daquelas missões. Isto não pôde ser realizado pela doença que acometeu o Pe. João.

Sem dúvida, o dia mais feliz da vida do Pe. João, ao menos como cientista, foi o 17 de outubro de 1991, quando da visita do Papa a Campo

Grande. O Papa João Paulo II quis visitar o Museu e o Pe. João o acompanhou dando-lhe explicações. O Papa estava simplesmente, quase diríamos à paisana: sem cruz, sem faixa e sem solidéu. Ao concluir a visita, pediu para o Secretário buscar estes objetos, chamou o fotógrafo para uma foto oficial, pois aquilo que tinha visto merecia uma recordação. Em seguida assinou o livro dos visitantes, juntamente com Cardeais e elementos da comitiva.

Evangelizador e Catequista

Escreve ainda o Pe. João Bosco: “Pe. João não media sacrifícios para atender os grupos que dele solicitavam a pregação da palavra e o ministério das confissões. Nesta ânsia de evangelizar e servir, nestas últimas décadas o Pe. João Falco procurou acompanhar ativamente e sem medir sacrifícios, os vários movimentos surgidos na Igreja para conversão e aprofundamento da fé do laicato apostólico: os Cursilhos, o Ovisa, o Movimento Familiar Cristão, a Renovação Carismática Católica. Em síntese, esse ardor apostólico refletia, a meu ver, seu amor pela Igreja, por Cristo, pelo bem da pessoa humana, pela salvação integral do próximo. Pe. João viveu intensamente seu sacerdócio”.

Obrigado, Pe. João Bosco pelo seu testemunho que enfoca plenamente a figura do querido Pe. João Falco. Não posso deixar, porém, de acrescentar algo mais. Nas últimas décadas (as últimas duas), como diz Pe. João Bosco, Pe. Falco foi sem dúvida nenhuma um dos mais procurados pregadores nos dois Estados de Mato Grosso.

Desde 1972 até 1993, por exemplo, participou de quase todos os Cursilhos, masculinos e femininos, da antiga Prelazia e subsequente Diocese de Guiratinga. Pe. João Falco tem em nossas comunidades paroquiais uma recordação indelével, tendo deixado em todas as mais profundas impressões, as mais profundas recordações, os frutos mais profundos de seu ministério sacerdotal. Por isto, em várias comunidades paroquiais, à notícia de seu falecimento, foram celebradas missas pela sua alma.

Escreve uma das mais antigas cursilhistas de Guiratinga: “Tive a oportunidade de participar de várias pregações do Pe. João Falco, e até mesmo de acompanhá-lo em alguns de seus trabalhos apostólicos, e, nestas ocasiões pude perceber o dom que tinha de persuadir as pessoas com suas pregações (D^a Adelaide Leal de Castro).

Seus sermões transformaram vidas, definiram caminhos, restabeleceram a fé. Descobrimos a maravilhosa experiência de abrir nossos corações para o poder do amor de Deus. Afazeres eminentes,

compromissos inadiáveis não impediram João Falco de acolher um coração atribulado. Se repetia aí a cena do Filho Pródigo. Na celebração da Eucarística, acontecia o milagre da presença de Deus. Bancos eram disputados, cadeiras improvisadas, corredores e portas tomadas por uma multidão de homens, mulheres, jovens e crianças para ouvir e viver a comunhão do amor que se unificava em uma única voz: “Eis o mistério de nossa Fé”. (Denas Barbosa Lugo - vários jornais de Campo Grande: Pe. João Falco - Homem de Deus).

O atual encarregado do Museu Dom Bosco, Clóvis Pereira, escreve: “Aqui no museu ele deixava tudo pronto para atender quem vinha fazer uma confissão, para visitar um doente ou ir ao hospital para atender um enfermo: primeiro ele era Padre, depois Diretor do Museu”.

“Foi sem dúvida um dos maiores catequistas e Evangelizadores em Campo Grande”, escreve o Pe. José Winkler, nosso Inspetor.

Rumo ao ocaso

Parece-me que foi em 1993 que me pediu para o dispensar de um cursinho “porque tinha tido um pré-aviso do coração. E daí em diante começou a limitar um pouco sua atividade, que não lhe impediu no começo de agosto de 1994 de estar em Guiratinga, com o amigo Pe. Mario Pellattiero, para uma pregação especial: falar a todos os alunos das escolas da cidade, por ocasião da inauguração da bela Igreja Dom Bosco (cujos painéis-afrescos mereceram ser publicados no Bollettino Salesiano - Luglio-Agosto 1976). Já manifestava cansaço.

Foi manifestando-se progressivamente, uma doença rara, “fibrose pulmonar de que era portador em consequência de queimaduras provocadas por inalação acidental de gás, quando do preparo de sulfato de cobre para pulverização de tomates em época da guerra, segundo informação dele mesmo”: assim escreve o Dr. Fernando Vasconcellos Dias, que lhe prestou assistência, como se fosse um filho assistindo o próprio pai. Eu acrescento ainda que, pode ter contribuído o manuseio de ácidos ao preparar insetos e animais para o seu museu.

A insuficiência respiratória, acrescida de insuficiência cardíaca, foi aumentando, dando-lhe sem dúvida, a percepção de se aproximar a morte.

Ele aceitou conscientemente o aproximar-se da morte: nos últimos meses vivia constantemente ligado ao oxigênio, sem deixar de comparecer e ainda orientar os funcionários do museu, sem deixar de atender quem o procurasse com problemas humanos e espirituais, participando também da vida da comunidade.

No dia 18 de outubro fui fazer-lhe uma visita: acolheu-me realmente com fraternidade. Na amigável conversa, a um certo ponto, indicando com a mão um plano inclinado, disse-me: “Faresin, minha vida é assim.. não estou com medo... estou pronto...” E na hora da despedida, no dia seguinte me disse: “Faresin, até o paraíso!” e seguiu-se o último abraço!

Ele tinha a perfeita percepção que a vida lhe escapava, de estar morrendo, pela falta de oxigênio.

Aqui ainda um testemunho do Dr. Vasconcellos: “Quanto à sensação de estar morrendo, Pe. João teve plena consciência disto e um sofrimento que foi agravado por questionamento da vida em relação aos valores pelos quais sempre lutou”. Isto podemos perceber nas seguintes linhas do Pe. Winkler: “Conheci o Pe. Falco nos anos sessenta. Ele tinha postura da cabeça aos pés. O que dizia era determinante. Saía da boca e das mãos com absoluta segurança, quase em tom ditatorial que não deixava margem a dúvidas para qualquer interlocutor. O modo de falar era o reflexo perfeito de sua conduta em casa, na Igreja, em qualquer lugar. Era a coerência encarnada até os últimos dias de sua existência terrestre, com os irmãos na sede inspetorial de Campo Grande”.

Esta postura, este tom autoritário, sem dúvida provocaram-lhe sofrimentos e incompreensões, que não deixaram porém de enriquecer de merecimentos, criando aquele questionamento, superado pela Graça de Deus, como declara o Dr. Vasconcellos.

Nos últimos dias foi levado para a clínica, onde foi carinhosamente assistido por irmãos e amigos.

Pouco depois de se iniciar o dia 18 de dezembro, Pe. João, com voz fraca, pausadamente fez esta oração: “Pai não me faça suplicar... Eu não sou digno.. Sou também um pecador...mas seja feita a sua vontade, e não a minha...” Foram suas últimas palavras. O enfermeiro que o assistia disse: “Como é bonito o Pe. João confessar-se com Deus..” E minutos depois Pe. João entregou sua alma ao amigo Jesus, que ensinara a tantos amar e servir.

Ecos

Embora alta madrugada, a notícia espalhou-se por Campo Grande.

O velório foi realizado na Igreja S. José onde iniciara seu ministério como pastor de almas. Muitos, muitíssimos visitaram até a hora da Missa de corpo presente os restos mortais do Pe. João, permanecendo em oração de sufrágio e agradecimento.

Às 14h00, presidida pelo Pe. Inspetor rodeado de mais de 30

sacerdotes salesianos, religiosos e do clero diocesano, com a presença de Dom Vitório Pavanello, Arcebispo Metropolitano, teve início a Santa Missa de corpo presente, estando a Igreja superlotada: eram Cursilhistas, membros da Renovação Carismática, do Ovisa e do Movimento Familiar Cristão que queriam agradecer ao grande pai e mestre de suas almas.

O Pe. Mario Panziera, colega do Pe. João desde os tempos do aspirantado, teceu o elogio fúnebre enaltecendo sobretudo a figura do Sacerdote, evangelizador e catequista.

A bênção de despedida, foi impartida pelo Arcebispo Metropolitano de Campo Grande, Dom Vitório Pavanello que, em brevíssimas palavras, como também escreveu à Missão Salesiana de Mato Grosso agradeceu ao Pe. João seu trabalho apostólico.

Com grande acompanhamento de carros o corpo do Pe. João foi levado ao jazigo da Família Salesiana, no cemitério Sto. Antonio, onde foi inumado.

Antes deste ato vários representantes dos Movimentos de Renovação Cristã quiseram deixar seu testemunho e seu agradecimento a quem tanto tinha trabalhado pelo bem de suas almas.

A imprensa de Campo Grande publicou, em quase todos os jornais, um acertadíssimo artigo, já citado, que apresentava o Pe. João Falco como “homem de Deus” e a imprensa de Cuiabá colocou em relevo sua atuação como cientista, realizando o Museu Dom Bosco, já Museu do Índio.

Devemos citar as moções de pêsames colocadas em votação e aprovadas na Assembléia Legislativa do Estado e na Câmara de Vereadores de Campo Grande.

Conclusão

Embora muito extensa esta carta mortuária, tenho certeza da minha limitação em falar do Pe. João Falco, embora o conhecimento de sua vida, fruto de longuíssima amizade, pois como escreveu o Pe. Ariento Domenici, em seu belo esboço no Boletim Informativo da Missão Salesiana de Campo Grande, nosso antigo professor de grego, em Roma “falar do Pe. João Falco em poucas linhas não é fácil, porque ele foi de uma atividade fora do comum: como salesiano, como sacerdote, como cientista e museólogo”. O mesmo me escreveu o Pe. Mário Panziera, em sua contribuição para esta carta: “Caríssimo Pe. Cornélio, não será fácil delinear uma figura poliédrica como a do Pe. João Falco”.

É necessário antes de concluir externar um agradecimento vivíssimo e, até fraterno ao Dr. Fernando Vasconcelos Dias, pelo carinho que demonstrou ao Pe. João ao longo de sua doença.

Pessoalmente agradeço a quem me confiou a difícil e delicada missão, por ter podido prestar esta fraterna homenagem ao grande amigo.

Um agradecimento também a quantos colaboraram com seus testemunhos para enriquecer estas páginas.

Convido a todos a relembrar em suas orações o nosso inesquecível irmão, de quem choramos a partida, pelo seu descanso eterno e em agradecimento ao bem que fez a tantas almas, com ajuda da Graça de Deus.

Peço também orações para esta nossa querida Inspetoria Missionária de Mato Grosso, tão duramente provada no ano que findou com o chamamento à casa do Pai de seis admiráveis irmãos, pedindo ainda ao Senhor da Messe que envie à nossa Inspetoria vocações de valor humano, religioso e sacerdotal dos irmãos coroados com a vida eterna nos últimos doze meses.

Peço vênua pela excessiva extensão desta carta: representa os sentimentos de um coração para com o grande amigo: rezem também por mim,

Guiratinga, 2 de abril de 1997

Em Dom Bosco Santo

Pe. Santo Cornélio Faresin - SDB

Dados para o Necrológico:

Pe. João Falco

* Nova York, EUA, a 13/10/1923

+ Campo Grande (MS), Brasil, a 18/12/1996

aos 73 anos de idade

44 anos de sacerdócio

e 49 anos de profissão religiosa

55